

ENSINO DE LITERATURA E A RESSIGNIFICAÇÃO DA SALA DE AULA PELA LEITURA SUBJETIVA

LITERATURE TEACHING AND THE RESIGNIFICATION OF THE CLASSROOM THROUGH SUBJECTIVE READING

Luís Cláudio Dallier Saldanha  <https://orcid.org/0000-0003-3822-1477>
Universidade Estácio de Sá - Programa de Pós-Graduação em Educação
<https://orcid.org/0000-0003-3822-1477>

Milca da Silva Tscherne  <https://orcid.org/0009-0000-1666-6198>
Universidade Estácio de Sá - Educação Básica no Município de Maricá/RJ.
milcatscherne@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18227612>

Recebido em 19 de fevereiro de 2025

Aceito em 17 de outubro de 2025

Resumo: Este artigo examina a leitura subjetiva como possibilidade pedagógica do trabalho com o texto literário para recuperar e ressignificar a experiência da sala de aula e da própria leitura literária. Argumenta-se que a subjetividade, a afetividade e a recriação do texto literário pela leitura subjetiva são dimensões desejáveis na construção de significados e devem ser integradas à prática pedagógica. Para tanto, busca-se o apoio de autores referência no conceito de leitura subjetiva e sua relação com o espaço escolar, como Gérard Langlade, Annie Rouxel e Vincent Jouve. Recorre-se, ainda, à análise dos poemas “Aula de português”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Aluna”, de Cecília Meireles, para se refletir sobre a experiência da sala de aula a partir da leitura literária. Discute-se como a tematização da experiência escolar e da relação com a linguagem abre caminhos para reflexões sobre os desafios e as possibilidades do ensino de literatura. Como resultado, conclui-se que a leitura subjetiva, ao valorizar as experiências e o repertório dos alunos, pode promover alternativas menos tradicionais no ensino de literatura e um diálogo mais significativo com os textos.

Palavras-chave: Leitura literária. Leitura subjetiva. Ensino de literatura. Educação e literatura. Sala de aula.

Abstract: This article examines subjective reading as a pedagogical possibility for working with literary texts in order to recover and re-signify the classroom experience and literary reading itself. It argues that subjectivity, affectivity and the recreation of the literary text through subjective reading are desirable dimensions in the construction of meaning and should be integrated into pedagogical practice. To this end, we seek the support of reference authors on the concept of subjective reading and its relationship with the school environment, such as Gérard Langlade, Annie Rouxel and Vincent Jouve. The poems “Aula de português” by Carlos Drummond de Andrade and “Aluna” by Cecília Meireles are also analyzed to reflect on the classroom experience based on literary reading. It discusses how thematicizing the school experience and the relationship with language opens up ways of reflecting on the challenges and possibilities of teaching literature. As a result, it concludes that subjective reading, by valuing students' experiences and repertoire, can promote less traditional alternatives in the teaching of literature and a more meaningful dialog with texts.

Keywords: Literary reading. Subjective reading. Teaching literature. Education and literature. The classroom.



1 Introdução

O ensino de literatura no contexto escolar frequentemente se distancia da experiência subjetiva do leitor, priorizando abordagens analíticas e pedagógicas que podem se sobrepor ao prazer da leitura e à construção individual de significados. Essa seria uma das causas centrais ao longo da Educação Básica, intensificando-se no Ensino Médio, em função de fatores que marcam o distanciamento do aluno em relação ao texto literário, como a ênfase em atividades metalinguísticas ou metaliterárias, abordagem fragmentada do texto literário, preferência pelo ensino de história literária e submissão do ensino de literatura aos conteúdos de exames vestibulares (Sá, 2023).

Em face de tal cenário, este artigo argumenta em favor da leitura subjetiva como prática pedagógica que pode contribuir para ressignificar a experiência da sala de aula e a relação do aluno com o texto literário. Inicialmente, apoiado em Durão (2015) e Damasceno (2023), discute-se o lugar do texto literário tanto na sala de aula quanto na própria pesquisa acadêmica, trazendo algumas reflexões sobre a dimensão pedagógica da leitura literária e apontando a pertinência da leitura subjetiva como alternativa ao modelo prevalente de leitura literária no ambiente escolar. Em seguida, é abordada a emergência da subjetividade na leitura literária a partir do exame de algumas antinomias e tensões. A primeira delas é a distinção entre “leitor subjetivo” e “leitor experto”, proposta por Langlade (2013) ao tratar a relação entre professor e aluno no trabalho com o texto literário. Depois, recorre-se a Rouxel (2012, 2013, 2019) para abordagem de algumas tensões entre “utilizar” e “interpretar” o texto literário, entre “sujeito leitor” e “sujeito escolar”, além da relação entre “leitura cursiva” e “leitura analítica”.

Essas considerações teóricas, também apoiadas em Jouve (2013), apontarão para a necessidade e o desafio da reabilitação da subjetividade do leitor no contexto escolar, em consonância com o que é defendido pela abordagem conhecida como leitura subjetiva. Na sequência, a partir da análise dos poemas “Aluna”, de Cecília Meireles, e “Aula de Português”, de Carlos Drummond de Andrade, examina-se como esses textos, ao tematizarem a experiência escolar e a relação com a linguagem, se constituem em apporte literário e recurso didático para promover a reflexão sobre os desafios e as possibilidades do ensino de literatura.

Analisa-se como a leitura subjetiva, ao valorizar as experiências pessoais dos alunos e seu repertório de leituras, pode promover um diálogo significativo com os textos literários, contribuindo para a ressignificação da experiência da sala de aula e uma volta a si provocada pela apropriação pessoal da literatura. Finalmente, na conclusão, apresentam-se algumas reflexões que retomam a análise dos dois poemas e apontam para desafios relacionados com a leitura literária em sala de aula.

Este trabalho é resultado de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como principal referencial a abordagem teórica francesa conhecida como “leitura subjetiva”, voltada para a ressignificação do trabalho com o texto literário na sala de aula.

2 Questões iniciais sobre a dimensão pedagógica da leitura literária

A pesquisa na área da literatura pode recuperar saberes de outras áreas que desempenhariam um papel significativo nos estudos literários, ao mesmo tempo que a literatura “apreendida como algo em si” poderia “servir de inspiração para todas as ciências humanas”. Tal pressuposto se apoia no fato de que diversos teóricos de

distintas áreas das ciências humanas erigiram seus “edifícios de pensamento” recorrendo a obras literárias ou por elas sendo influenciados (Durão, 2015, p. 381).

Esse imbricamento entre os estudos literários e as ciências humanas manifesta-se comumente numa apropriação instrumental do texto literário. Essa apropriação, geralmente, toma forma em funções atribuídas à literatura tais como “a de instruir com prazer, refinar o gosto, ou desenvolver a empatia por diferentes tipos de seres humanos” (Durão, 2015, p. 387).

A própria pesquisa na área da literatura poderia também ser exemplo da sujeição do texto literário a outras intencionalidades ou funções que não a própria literatura tomada *per si*, distanciando-se daquilo que Durão (2015, p. 387) denomina “modos desinteressados de interação com o texto”.

No contexto escolar, há uma tradição de se tomar o texto literário orientado por uma intencionalidade pedagógica, voltada para formação de leitores e, em situações mais utilitaristas, como pretexto para trabalho com aspectos gramaticais ou análise linguística. Diante disso, não é incomum uma forte crítica direcionada à apropriação da literatura que não é tomada *per si*.

Como ignorar, entretanto, as possibilidades de formação cultural inscritas no texto literário e as funções pedagógicas presentes na obra literária a partir das práticas de leitura, seja no ambiente escolar ou nas instâncias mais privadas do leitor?

A relação entre educação e literatura está dada formal e compulsoriamente desde os primeiros anos da Educação Básica, vinculada ao ambiente escolar, além de se manifestar informal e espontaneamente nas variadas experiências da relação com o texto literário no contexto da leitura voluntária ou livre.

O trabalho com a leitura literária na educação formal parte, então, do reconhecimento do “potencial epistemológico das obras literárias [...] que projeta um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de textos ficcionais” (Durão, 2015, p. 378). O pressuposto da pesquisa na área dos estudos literários, assim como a justificativa para o trabalho pedagógico com obras literárias na educação formal, está relacionado com “a possibilidade de se produzir conhecimento a partir de textos particulares, concebidos como entidades a princípio autocontidas” (Durão, 2015, p. 380, grifo do autor).

No entanto, deve-se questionar se a leitura literária no contexto escolar não precisaria se aproximar também da relação voluntária e livre com o texto literário, suportada por uma leitura que valoriza a subjetividade e amplia as possibilidades do leitor, criando as condições para uma posterior aproximação mais teórica do texto literário. Nesse sentido, faz-se pertinente o recurso à leitura subjetiva, que pode ser entendida como “questionamento do modelo de leitura vigente no universo escolar e o resgate da subjetividade do aluno nas aulas dedicadas aos textos literários” (Damasceno, 2023, p. 334).

Assim, na sequência deste trabalho, propõe-se considerar a leitura subjetiva como possibilidade pedagógica ao se lidar com o texto literário no ambiente educacional, com vistas a recuperar e ressignificar a experiência da sala de aula e a relação com a própria literatura.

3 Irrupção da subjetividade na leitura e possibilidades pedagógicas

As possibilidades pedagógicas na leitura literária podem ser relacionadas com a irrupção da subjetividade, uma vez que a experiência de formação do leitor passa pela sua identificação como sujeito que lê, que aprende, que é formado e vai se formando. Nesse contexto, o aluno se constitui em sujeito leitor ou, como denomina Langlade (2013, p. 29), em leitor “subjetivo”, enquanto o professor pode ser associado ao “leitor experto”.

O leitor experto, identificado com o “professor de letras, profissional da literatura”, é aquele que possui “a legitimidade para o ensino da literatura”, enquanto o leitor subjetivo identifica-se com um “leitor arcaico”, com aquele que se constitui a partir das “leituras da infância que permanecem ativas na leitura que dizemos privada” (Langlade, 2013, p. 29-30).

Langlade (2013, p. 30), entretanto, adverte que a separação entre leitor subjetivo e leitor experto não é tão estanque quanto se possa supor, o que fortalece a tese de que, no espaço/tempo da sala de aula, o encontro entre essas diferentes subjetividades pode resultar em interações com o outro e interatividade com o texto literário, contribuindo para a construção de leituras plurais.

Uma questão que se apresenta é o quanto a atuação do leitor experto ou profissional, na busca pela construção da leitura literária sujeita aos ditames pedagógicos e teóricos, pode sufocar ou retardar a irrupção de leitura subjetiva no contexto da sala de aula. Também se pode questionar o quanto a distância crítica da leitura profissional, valorizada tradicionalmente no espaço da sala de aula, torna-se o paradigma de experiência de leitura literária.

Langlade (2013, p. 32) nos ajuda a pensar sobre esses questionamentos a partir de seu entendimento de que a leitura crítica não é “o único modo de leitura do leitor letrado”, já que numa “leitura normal” os traços estéticos da obra literária não são o único foco de atenção do leitor. Daí que a experiência com o texto literário não precisaria se reduzir a uma leitura crítica, profissional ou especializada.

Rouxel (2013), por sua vez, trata essa tensão entre o leitor subjetivo e o leitor experto apropriando-se de concepções encontradas em Umberto Eco (1990), elaborando seu pensamento em termos da distinção e da tensão entre “utilizar” e “interpretar” as obras literárias no contexto escolar. Utilizar está relacionado com a experiência privada e “ao universo pessoal dominado por crenças”, enquanto interpretar associa-se à esfera social, a uma significação mais universal e “modo de pensar racional” (Rouxel, 2013, p. 160). As duas abordagens, entretanto, não são excludentes nem suas fronteiras rígidas, pois seria possível manter a tensão entre aquilo que se situa dentro do literário e o universo do leitor, integrando literatura e realidade.

A relação muitas vezes dicotômica entre leitor subjetivo e leitor experto também pode ser tratada a partir da necessidade de superação da dicotomia “sujeito leitor” e “sujeito escolar”, uma vez que a leitura subjetiva deve favorecer a irrupção do sujeito leitor no sujeito escolar (Rouxel, 2012, p. 14; Sá, 2023, p. 4).

Tal relação entre sujeitos leitores que se complementam corresponderia, em parte, à perspectiva freireana da relação entre “leitura do mundo” e “leitura da palavra” (Freire, 1989), em que as leituras de mundo estariam associadas às leituras subjetivas (Sá, 2023). Conforme Sá (2023, p. 4) adverte, “os conhecimentos prévios do leitor, suas experiências pessoais, seus sentimentos, seus valores e opiniões, todos esses elementos fazem-se presentes antes, durante e após o ato de ler”. Desse modo, em face de um ensino de literatura que tradicionalmente exclui a leitura ou o leitor como sujeito (Compagnon, 2012; Langlade, 2004; Rouxel, 2012), tem-se o desafio de reabilitar o



sujeito leitor, no contexto da tensão entre estudo e leitura, sem se abandonar o texto e as possibilidades de mobilizar leituras analíticas que não sufoquem a leitura subjetiva (Rouxel, 2012).

Rouxel (2012, p. 275-276) faz, ainda, uma distinção entre a leitura cursiva e a leitura analítica. A primeira se caracteriza como leitura mais flexível, livre, corrente, pessoal e autônoma, buscando o sentido a partir do todo e valorizando o leitor real. A leitura analítica, por sua vez, é uma leitura literária escolar que se caracteriza por ser lenta, interessada no detalhe do texto e voltada para a aprendizagem. Rouxel (2012, p. 278), entretanto, argumenta que não se deve estar preso ao impasse entre os dois tipos de leitura, pois “convém sair do formalismo e reabilitar a subjetividade do leitor”.

Convém ainda notar que Annie Rouxel coloca como centro da leitura subjetiva o leitor empírico:

[A leitura subjetiva] é uma forma de leitura literária na qual se exprime plenamente a singularidade de um leitor empírico. Ela dá conta da maneira única na qual o leitor reage a uma obra expondo sua personalidade profunda, seus valores, seu imaginário. Ela constitui uma alternativa radical das práticas tradicionais, sempre presentes no ensino e grandemente responsáveis do desafeto dos alunos pela literatura (Rouxel, 2019, p. 29).

Essa leitura subjetiva que se manifesta como ruptura com a tradição, que valoriza a objetividade e a racionalidade, põe em cena um leitor empírico que não se confunde ou se reduz ao indivíduo, conforme esclarece Rouxel:

O sujeito leitor entendido como a parte subjetiva do leitor que se engaja na leitura e reage ao texto, não é redutível ao indivíduo. É um sujeito mutável, desatado, descontínuo que não cessa de se fazer e de se desfazer e que experimenta “eus” múltiplos. A leitura literária é o lugar de uma incessante remodelagem (Rouxel, 2019, p. 32).

A reabilitação ou irrupção do leitor subjetivo no contexto da leitura literária no ambiente escolar pode se realizar pelo trabalho com o texto literário a partir da mobilização da “subjetividade daquele que o lê” num movimento por meio do qual “o leitor é que vem completar a obra e fecha o mundo que ela abre” (Bayard, 1998, p. 128).

Tal movimento de construção dos sentidos inscritos ou possíveis em uma obra literária a partir da leitura subjetiva pode contribuir tanto para o desenvolvimento do gosto pela literatura quanto para o encontro de subjetividades. O encontro entre professor e aluno, a partir e para além da relação entre leitores, poderia se configurar como experiência estética e formativa em que sujeitos constroem novos sentidos para si mediados pelo texto literário. Além disso, a própria vivência da sala de aula ou de antigas experiências escolares podem ser ressignificadas pela mediação da leitura literária subjetiva, o que é sugestiva e exemplarmente apresentado nas seções seguintes.

4 Revisitando a sala de aula pela leitura subjetiva do poema “Aluna”

A leitura subjetiva do texto literário no contexto escolar é uma oportunidade para se promover a releitura da experiência educacional formal. A sala de aula recriada e ficcionalizada no texto literário permite revisitá-la o próprio ambiente escolar real da experiência de cada leitor.

Jouve (2013, p. 54), referindo-se às primeiras páginas do romance realista *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert, indaga sugestivamente: “Como

podemos imaginar a sala de aula de Charles Bovary se não for a partir de salas de aula que nós mesmos frequentamos ou vimos em ilustrações, filmes, fotografias?".

Esse exercício de imaginação literária, a partir de nossas experiências, pode ser uma forma de responder ao desafio de fazer aflorar a subjetividade da leitura literária em sala de aula diante de alunos desinteressados ou engajados apenas em leituras de entretenimento próprias das mídias digitais ou mesmo distantes do cânone valorizado pela escola. Desse modo, práticas mais produtivas e engajadas da leitura literária em sala de aula podem ser inspiradas em textos que tematizam muitas vezes a experiência frustrada com a educação escolar, frustração que parece ser sugerida no poema “Aluna”, de Cecília Meireles, reproduzido a seguir.

Conservo-te o meu sorriso
para, quando me encontrares,
veres que ainda tenho uns ares
de aluna do paraíso...

Leva sempre a minha imagem
a submissa rebeldia
dos que estudam todo o dia
sem chegar à aprendizagem...

– e, de salas interiores,
por altíssimas janelas,
descobrem coisas mais belas,
rindo-se dos professores...

Gastarei meu tempo inteiro
nessa brincadeira triste;
mas na escola não existe
mais do que pena e tinteiro!

E toda a humana docência
para inventar-me um ofício
ou morre sem exercício
ou se perde na experiência... (Meireles, 1983, p. 170-171)

Além de possíveis análises literárias, o poema enseja tanto reflexões sobre a experiência escolar quanto uma apropriação didática voltada para a leitura subjetiva, num contraponto a uma sala de aula em que atividades de leitura ou de outras práticas pedagógicas acabam sendo o que Rouxel (2012, p. 14) chamou de “rotina sem alma”.

O poema se justifica como oportunidade de releitura da sala de aula a partir das tensões, antíteses e conflitos que opõem a vivência da sala de aula aos ideais educacionais ou pedagógicos, o que pode ser identificado em expressões como “aluna do paraíso”, “salas interiores”, “submissa rebeldia” e “brincadeira triste”, além da imagem “dos que estudam todo o dia / sem chegar à aprendizagem...” (Meireles, 1983, p. 170). A “aluna do paraíso”, que guarda o sorriso e a memória das descobertas que escapam da sala de aula real, contrapõe-se ao ideal de aluna presente e engajada nas atividades conduzidas pelo professor. São nas “salas interiores” e por meio de “janelas altíssimas” que se “descobrem coisas mais belas”, pois no espaço da “escola não existe / mais do que pena e tinteiro!” (Meireles, 1983, p. 171).

Diante da descoberta das "coisas mais belas" fora da sala de aula, pode-se indagar que tipo de conhecimento ou vivência o poema parece sugerir. É possível especular sobre esses aprendizados mais significativos, tematizando a tensão ou mesmo oposição entre esses conhecimentos libertários e insubmissos das salas interiores em face da frustração e tédio da sala de aula tradicional.

A imagem da “aluna do paraíso”, assim como a das “salas interiores”, também se contrapõe à prisão da sala de aula. Nesse sentido, a fuga pela imaginação parece se tornar inevitável.

A fuga da sala de aula, que evoca a frustração do não aprendizado, realiza-se, assim, pela imaginação, rebeldia e brincadeira. Tal experiência de imaginação e ludicidade durante a aula, entretanto, é paradoxalmente uma “brincadeira triste” em que se ri dos professores. O aprendizado de “coisas mais belas” do que aquilo que é ensinado na sala de aula se dá “rindo-se dos professores”, numa possível atitude de irreverência, sarcasmo ou simplesmente “brincadeira triste”; talvez um “riso nervoso” de quem não consegue acompanhar a rotina escolar.

Desse modo, o esforço do professor ou a “humana docência” está fadada à frustração, pois toda prática pedagógica visando à preparação para algum ofício “ou morre sem exercício / ou se perde na experiência...” (Meireles, 1983, p. 171).

Diante da fuga da sala de aula, mediada pela imaginação e irreverência da aluna, pode-se perguntar em que medida a literatura no espaço escolar seria uma oportunidade de trazer o lúdico, o prazer e a inventividade para a experiência pedagógica. Nesse caso, a leitura subjetiva seria um recurso didático para resgatar a presença e atenção do aluno, levando-o a uma ressignificação de suas experiências e emoções a partir do envolvimento pessoal com o texto literário e o que ele suscita.

Uma vez presente e atento ao texto literário por meio da leitura subjetiva, paradoxalmente o aluno pode experimentar a liberdade, o voo em direção aos mundos possíveis pela imaginação e recriação literárias, fazendo coro ao que o educador Rubens Alves um dia escreveu:

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado (Alvez, 2002, p. 29).

Recorrer à leitura literária subjetiva seria uma ponte para outras leituras e aproximações do texto literário valorizadas pela escola e tradição da teoria literária. Toca-se antes de tudo nas vivências, nas emoções e na imaginação, para estender-se a processos cognitivos considerados mais sofisticados. A literatura, nesse contexto, pode oferecer um espaço de escape e crítica à realidade frustrante da sala de aula. Também é bastante sugestivo o oxímoro “submissa rebeldia”, insinuando a ambivalência da experiência da aluna que está, em parte, sujeita às normas escolares ao mesmo tempo em que procura escapar imaginativamente da sala e questiona o valor dessa escola que não vai além da “ pena e tinteiro”. Recorrer à leitura subjetiva de textos literários, nesses casos, também é uma alternativa interessante para se trabalhar as diversas experiências de rebeldia e contradições vivenciadas ficcionalmente ou de forma lírica.

Nesse sentido, as emoções, identificações e reconhecimentos suscitados pela leitura subjetiva seriam um ir além do que está escrito no papel ou em outro suporte material para a escrita, superando uma experiência de ensino limitada a aspectos



formais. Ao mesmo tempo, a experiência com a literatura deveria ser o espaço/tempo do prazer com o texto a partir da imaginação, inventividade, criatividade e ludicidade.

É bastante significativo que o poema “Aluna”, de Cecília Meireles, seja invocado por Gonsalves (2002) para argumentar em favor de um processo de aprendizagem autopoietico, a partir do conceito de *autopoeisis* de Maturana e Varela (1980), como alternativa a “abordagens mentalistas do conhecimento”.

A experiência de formação e aprendizagem corresponderia a uma relação em que o aluno é, ao mesmo tempo, “produtor e produto do processo de conhecimento”, realizando uma aprendizagem que se caracteriza por ser uma “síntese individual” (Gonsalves, 2002, p. 73).

O poema ilustraria a necessidade da autonomia no processo de formação, pois ser autônomo corresponderia a “ser aluna do paraíso” ou à busca das descobertas mais relevantes nas salas interiores (Gonsalves, p. 73). Nesse sentido, o caminho da aprendizagem ou do conhecimento “é bem esse que, a despeito de toda a humana docência já praticada, procura em si mesmo a beleza das coisas, como diz Cecília Meireles” (Gonsalves, p. 73).

O conceito de *autopoeisis* também é ilustrado no poema a partir das imagens das “salas interiores” e das “altíssimas janelas do eu”, pois a aprendizagem é uma experiência vivenciada pelo eu lírico como algo relacional, autorreflexivo e orgânico.

Essa perspectiva autopoietica identificada no poema aponta, também, para uma abordagem autopoietica e didática da própria leitura literária quando são exploradas as vivências de alunos no contexto da sala de aula.

Desse modo, o poema “Aluna” enseja reflexões e se apresenta como uma possibilidade de trabalho com o texto literário em sala de aula na direção do resgate da subjetividade do aluno e do espaço escolar como lugar de aprendizado mais integrado. Nesses casos, o próprio professor pode encorajar seus alunos, começando ele mesmo uma leitura subjetiva do texto literário quando os alunos reagem inicialmente reclamando que não entenderam nada do que leram ou mesmo mostrando-se pouco interessados na leitura.

Ao mesmo tempo, o professor pode desafiar os alunos a buscarem elementos de identificação da história pessoal de cada um com o poema, garantindo a fala de cada um na leitura subjetiva, por meio da exposição oral, da conversa e da escuta. Nesse exercício de leitura subjetiva, pode-se buscar os elementos de diferença e semelhança, proximidade e de distância da experiência de cada um com a experiência do poema.

O poema pode surpreender aqueles que não imaginam ser a rebeldia, a irreverência ou mesmo o não aprender em sala de aula elementos tematizados liricamente de forma tão sugestiva e criativa.

Uma última observação sobre o poema é que, curiosamente, ele parece fazer ecoar o engajamento da autora na superação da “monotonia da velha escola” (Meireles, 2001, p. 107), ao mesmo tempo em que reflete uma adesão à transformação metodológica do movimento denominado Escola Nova (Cunha; Souza, 2011).

Sabe-se que Cecília Meireles foi professora e escreveu sobre educação, sendo signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, vinculado ao movimento de renovação educacional (Cunha; Souza, 2011, p. 852). Sua atuação no magistério e os seus ideais de uma educação integral poderiam ser elementos biográficos a serem acrescentados numa possível leitura do poema que avançasse para além da leitura subjetiva.

5 A volta a si e à sala de aula na leitura do poema “Aula de português”

Jouve (2013, p. 53) argumenta, em favor da leitura subjetiva, que “cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si”. Consequentemente, a “leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, ressalta-o”. Desse modo, a experiência da leitura literária deve promover no aluno um encontro consigo mesmo, além de outros encontros ou relações possíveis.

Corroborando essa posição, Nascimento e Araújo (2024, p. 105) defendem ser adequado “afirmar que não existe produção literária que independa da subjetividade de quem o lê, sobre a qual os diferentes leitores se projetam e se continuam”. Ao se aceitar tal premissa, não é coerente pensar no trabalho com o texto literário que exclua a leitura de si mesmo. Tal perspectiva ecoa o pensamento do escritor francês Marcel Proust ainda no século passado, sobre a inter-relação entre leitor e escritor, entre a leitura e a obra literária, num movimento de introspecção:

Na realidade, cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo. (Proust 1927 *apud* Compagnon, 1999, p. 144)

Dessa forma, há uma relação recíproca entre leitor e objeto estético, uma relação que complementa o mundo ficcional (Jauss, 2002), num movimento em que o leitor vai “ressignificando o universo que a obra literária abre e apresenta a cada encontro com o indivíduo leitor” (Nascimento; Araújo, 2024, p. 105).

Ao tratar das leituras do literário e a subjetividade, a professora Fani Tabak qualifica essa relação do leitor com o texto a partir de um processo que vai tanto na direção do texto quanto em direção ao próprio leitor:

Ler não é apenas estabelecer uma relação com o que se lê, mas é tornar evidente no processo de mediação o que somos e como somos. Ler é o pensamento transformado em mecanismo de ação e reação do que está em pleno devir (Tabak, 2024, p. 4).

Nesse sentido, as possibilidades de leitura subjetiva do poema “Aula de português”, de Carlos Drummond de Andrade, reproduzido a seguir, podem também ensejar uma releitura da própria experiência da sala de aula, particularmente no início da educação escolar quando se dá o aprendizado da leitura e da escrita.

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
Sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando

o amazonas da minha ignorância
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério. (Andrade, 1980, p. 17)

Ao tratar liricamente da experiência de aprendizado da língua portuguesa em sua modalidade escrita, ambientada no espaço da sala de aula, em oposição à aquisição da língua desde a infância e ao uso mais espontâneo da modalidade oral, o poema põe em tela o quanto pode ser traumática essa experiência. Em Drummond, a lembrança da "língua em que comia, em que pedia para ir lá fora" evoca a necessidade de uma aprendizagem conectada com a experiência de vida, com a oralidade e a afetividade.

Essa experiência com a língua fora da escola se contrapõe à alusão ao professor Carlos Góis, que não precisa ser identificado com uma figura histórica ou mesmo partícipe da experiência pessoal do poeta, prendendo-nos numa "miopia da leitura literal" (Jouve, 2013, p. 59). Antes, o professor de português projetado na leitura subjetiva, a partir da intertextualidade do leitor (Jouve, 2013), ultrapassa o professor nominado da leitura literal para ser recriado de modo imaginativo.

Certamente, as leituras subjetivas do poema desencadeiam o processo de recriação do próprio poema quando apropriado pelos seus leitores a partir das experiências de sala de aula. Como constata o narrador do romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, do escritor pernambucano Osman Lins, ainda que paradoxalmente um determinado livro continue sendo o mesmo, "as leituras divergem, e isto modifica-o" (Lins, 2005, p. 70).

Tal constatação, que também pode ser apoiada teoricamente no conceito de "texto do leitor" em Bayard (2007), aponta para a possibilidade não apenas de ressignificação do texto literário, mas para uma recriação ou multiplicação da própria obra literária, uma vez que "quem lê constrói, ao longo da leitura, uma obra imaginária, reconstituída por elementos identitários e circunstanciais" (Damasceno, 2023, p. 345). Assim, é possível dizer que "não haveria a obra em si, singular, mas obras plurais geradas a partir do texto de base" (Damasceno, 2023, p. 345). Não deixa de ser oportuno lembrar o que o escritor e crítico literário francês Michel Butor (1968) já antecipava há mais de meio século: o leitor reescreve aquilo que lê.

Assim, ao se trabalhar o poema drummondiano em sala de aula, inaugura-se a possibilidade de cada aluno, enquanto leitor que tem garantida a sua subjetividade, resgatar e ressignificar a sua própria experiência com a língua, tanto em suas manifestações mais espontâneas quanto em seu processo de aprendizado formal no ambiente escolar. Ao se trabalhar com as figuras de linguagem do poema, que dão conta das experiências com a língua tanto fora quanto dentro da escola, pode-se explorar também a diversidade de experiências dos alunos por meio das memórias pessoais de cada um. Além dessas memórias ou vivências com a língua, também se pode encorajar a mobilização do repertório de leituras de outros textos, num movimento de construção de um novo texto que pode se materializar tanto de forma escrita quanto oral, além da possibilidade de se mobilizar outros processos semióticos.

O verso “Já esqueci a língua em que comia”, além dos versos subsequentes, pode ser o mote para um exercício de resgate das lembranças pessoais com a língua a fim de promover uma volta a si para ressignificar a própria experiência com o português da sala de aula ou dos livros.

O conflito ou tensão entre a linguagem espontânea e a linguagem da escola no poema aponta, assim, para a necessidade de se construir pontes entre o conhecimento dos livros e o saber das vivências dos alunos, o que pode se dar pela leitura subjetiva do texto literário, resgatando o leitor em toda sua dimensão pessoal.

Essa experiência de leitura que se converte também em reescrita do texto literário, valorizando a subjetividade do leitor ao não se limitar ao desvendamento da intencionalidade do autor ou à análise literária tradicional, não significa ausência de abertura ao diálogo com o texto ou com o outro, conforme explicam Langlade e Rouxel (2013, p. 21): “A implicação do sujeito dá sentido à prática da leitura, pois ela é, ao mesmo tempo, o signo da apropriação do texto pelo leitor e a condição necessária de um diálogo com o outro, graças à diversidade das recepções de uma mesma obra”.

Assim, a prática da leitura pode ser apresentada aos alunos como oportunidade de um olhar para si mesmo enquanto se olha o texto que se tem diante de si a partir das memórias pessoais e de outras leituras já vivenciadas. Tal apropriação didática do poema “Aula de português” pode ser bastante promissora a partir da leitura subjetiva, abrindo possibilidades para posteriormente se avançar na análise literária do poema.

A defesa da leitura subjetiva como possibilidade de trabalho com a literatura e ressignificação da experiência da sala de aula não implica o descarte ou negligência de análises acadêmicas ou teóricas do texto literário, mas de um esforço em superar a hegemonia dessas análises formais (Rouxel, 2013; Damasceno, 2023) na direção do que Rouxel (2019, p. 33) entende como um “ousar ler a partir de si”.

Suscitar a subjetividade dos alunos para se fazer um molde de interpretação implica no professor o domínio dos gestos profissionais e nos leitores em formação, a aprendizagem de posturas reflexivas. Não é de se apostar inocentemente sobre a espontaneidade dos leitores ainda menos que não é questão de dispensar estas últimas aprendizagens nacionais que lhes permite uma leitura mais apurada (Rouxel, 2019, p. 33).

Desse modo, cabem ao professor e aos alunos, na leitura subjetiva, atitudes que não se confundem com falta de reflexão ou com uma leitura relapsa, pois o encontro consigo mesmo a partir do texto literário pode ser uma abertura ou elemento facilitador para o encontro com o outro e a complexidade do universo crítico literário.

6 Considerações finais

Os poemas "Aluna" e "Aula de Português" podem ser relevantes pontos de partida para se refletir sobre a leitura subjetiva, proposta por autores como Gérard Langlade, Vincent Jouven e Annie Rouxel, desde uma perspectiva didática que ressignifique a experiência com o texto literário em sala de aula. Essa abordagem, que valoriza a experiência individual do leitor e suas interpretações pessoais, encontra ressonância nos temas e nas estratégias literárias possíveis de serem exploradas nos dois poemas.

Ambos os poemas permitem reflexões sobre como a literatura pode ser utilizada para resgatar a sala de aula como espaço de aprendizagem prazerosa, problematizando os métodos tradicionais e abrindo caminho para novas abordagens.

A centralidade da experiência do leitor, enfatizada pela leitura subjetiva, é um desses pontos que merecem reflexão, podendo ser trabalhada no poema “Aluna” a partir da perspectiva ficcional de uma estudante que apresenta uma inadequação em relação ao modelo de ensino tradicional; enquanto no poema “Aula de português” pode-se tematizar o estranhamento e a dificuldade de um aluno diante da modalidade escrita da língua e das aulas de gramática normativa. Tais experiências evocadas nos poemas podem ser um encorajamento para os alunos se conectarem com o texto literário e, por meio da leitura subjetiva, revisitarem suas próprias experiências.

Outro aspecto que advém das reflexões sobre os dois poemas está relacionado com a valorização da resposta afetiva do leitor no contexto escolar. As emoções, os sentimentos e as impressões suscitados pela leitura subjetiva em sala de aula podem encontrar guarida e legitimação no próprio texto literário que recria esteticamente as experiências de frustração que se dão na sala de aula. A sutil rebeldia e a ironia da estudante no poema “Aluna”, assim como a perplexidade e a frustração do aluno diante do professor Carlos Góis no poema “Aula de português”, podem ensejar a valorização da dimensão afetiva dos alunos no processo de leitura e recriação do texto literário.

A interpretação como construção do sentido na interação entre o leitor e a obra é outro tema abordado nas reflexões sobre os dois poemas, que apresentam uma série de imagens líricas e outros elementos estéticos que permitem a abertura de múltiplos sentidos apoiados tanto no texto literário quanto nas memórias de seus leitores.

Um último elemento a ser retomado aqui nesta conclusão diz respeito ao diálogo entre texto e leitor, mediado pedagogicamente pelo professor. Se a leitura subjetiva pressupõe diálogo entre o leitor e o texto, numa abertura para múltiplos sentidos e recriação tanto do que se lê quanto da experiência que se resgata na leitura, é a mediação do professor que dará rumos adequados e produtivos a esse diálogo.

Finalmente, cabe reconhecer que este trabalho não esgota tais reflexões nem avança de modo propositivo em relação a aspectos metodológicos do trabalho com o texto literário em sala de aula. Permanece a necessidade de se prosseguir na pesquisa voltada para conciliar a livre expressão de interpretações na leitura subjetiva com a necessidade imposta pelos currículos em relação à análise literária municiada por aparatos teóricos.

Referências

- ALVES. R. *Por uma educação romântica*. Campinas-SP: Papirus, 2002.
- ANDRADE, C. D. *Esquecer para lembrar*. Boitempo III. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- BAYARD, P. *Qui a tué Roger Acroyd?* Paris: Minuit, 1998.
- BAYARD, P. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BUTOR, M. La critique et l'invention. In: BUTOR, M. *Répertoire III*. Paris: Éd Minuit, 1968. p. 111-113.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas)

CUNHA, M. V.; SOUZA, A. V. Cecília Meireles e o temário da escola nova. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n. 14, p. 850-865, 2011.

DAMASCENO, C. D. Osman Lins, a leitura subjetiva e o ensino de literatura. *Scripta*, v. 27, n. 59, p. 327-353, 2023. Disponível em:

DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *DELTA: Documentação em Linguística Aplicada*, 31, p. 377-390, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>

GONSALVES, E. P. Desfazendo nós: educação e autopoiesis. In: GONSALVES, E. P. (Org.). *Educação e grupos populares: temas (re)correntes*. Campinas: Alínea, 2002. p.65-78.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. Coord. e trad. de Luiz Costa Lima. 2. ed. 2002. p. 67- 84.

JOUVE, V. A. leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In ROUXEL, A., LANGLADE, G., e REZENDE, N. L. (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-66.

LANGLADE, G. O. Sortir du formalisme: accueillir des lecteurs réels. *Le Français Aujourd'hui*, n. 145, p. 85-96, 2004.

LANGLADE, G. O. Sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A., LANGLADE, G., e REZENDE, N. L. (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.

LINS, O. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
MATURANA, H.; VARELA, F. *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living*. London: Reidel, 1980.

MEIRELES, C. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MEIRELES, C. *Crônicas de educação vol. 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

NASCIMENTO, A. V. do; ARAÚJO, N. W. de. Leitura subjetiva e escola: tensões e caminhos para leitura literária. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 10, n. 26, p. 101-114, 2024.

ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 145, p. 272-283, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000100015>

ROUXEL, A. A tensão entre *utilizar* e *interpretar* na recepção de obras literárias em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. In:

ROUXEL, A., LANGLADE, G., & REZENDE, N. L. (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 150-164.

ROUXEL, A. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. In: LIMA, R. S.; CUNHA, R. R. *Circulação, tramas e sentidos na literatura*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

SÁ, A. P. dos S. Leitura subjetiva e livros didáticos de Português: em busca do sujeito-leitor no ensino médio. *Rev. Bras. Ling. Apl.*, Belo Horizonte, v. 23, n. 4, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202318832>.

TABAK, F. M. Leituras do literário e subjetividade. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, mai.-ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2024e63240>.